

PRAIA DOS OSSOS

um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 7 - Quem ama não mata

Paulo "Badhu": Menina, parece que houve, que nós estávamos num país num julgamento. No segundo julgamento, tava em outro país...

Branca Vianna: Neste episódio do *Praia dos Ossos*, a gente vai voltar pro Fórum de Cabo Frio.

Paulo "Badhu": Como é que mudam as coisas, eu fico impressionado.

Branca Vianna: Esse é o Paulo Roberto Pereira, também conhecido como Paulo "Badhu", aquele advogado que tem foto do Doca Street no aparador da sala da casa dele.

Paulo "Badhu": Que eu participei dos dois julgamentos, posso falar, né. Quem não participou, quem participou de um só, ou de outro, não tem a mesma coisa, a vivência que eu tive, né.

Branca Vianna: No fim do primeiro julgamento do Doca, em '79, a promotoria recorreu da sentença – pediu o anulamento desse julgamento, alegando que o resultado do júri tinha sido “manifestamente contrário à prova dos autos”.

Quer dizer: nada na evidência do processo apoiava a conclusão de que o assassinato da Ângela Diniz – que foi morta a tiros, sentada num banco – tinha sido um “excesso de legítima defesa”.

Um tribunal superior concordou, anulou o primeiro resultado – e, em 1981, o Doca foi levado de novo a julgamento pelo assassinato da Ângela.

Eu sou a Branca Vianna, e esse é o *Praia dos Ossos*.

Episódio 7. Quem ama não mata.

Foram só dois anos entre o primeiro julgamento do Doca, em outubro de '79; e o segundo, em novembro de '81. Mas não tinha nada de *déjà-vu* ali.

O Paulo "Badhu" tinha dito que pareciam dois países diferentes em cada um dos julgamentos. E dá pra entender. Foi um momento de mudanças muito profundas, essa virada dos anos '70 pros '80 no Brasil.

Foi a época da abertura política: o país tava começando a sair da ditadura, e caminhando, bem devagar, em direção à democracia. A Lei da Anistia é de agosto de '79 – quer dizer: só dois meses antes do primeiro julgamento do Doca – e acabou tendo um impacto fundamental na nossa história.

Isso porque, com a Anistia, muitos exilados e muitas exiladas voltaram da Europa – onde uma parte importante delas tava em contato direto, fazendo parte mesmo, do recém-formado – e barulhento – movimento feminista europeu.

Branca Vianna: Quando aconteceu o primeiro julgamento do Doca, em '79, que ele teve aquela sentença de dois anos com sursis, aquela loucura, não teve, assim, nenhuma reação do...

Celina Albano: Não, que eu saiba não.

Branca Vianna: Essa é Celina Albano, amiga de infância da Ângela – uma das que estudaram com ela no Colégio Santa Marcelina.

Na época da morte da Ângela, a Celina tava morando na Inglaterra, fazendo doutorado sobre grupos de mobilização de mulheres que sofriam violência doméstica.

Branca Vianna: A reação veio depois, né? Veio meio que...

Celina Albano: Não, eu acho que a reação veio até pelo fato de não ter tido reação na época certa.

Branca Vianna: Na época da morte.

Celina Albano: Na época da morte, que foi '76. Eu me lembro, não teve nada, nada. O primeiro dele também, eu lembro que eu estava na Inglaterra. Recebi as notícias, todas as minhas amigas mandavam escrito, e tal. Nada. Na segunda, aí já houve um movimento nosso, aqui...

Branca Vianna: Conta pra gente.

Celina Albano: ...que eu acho que ele é um divisor de águas, entendeu? Porque pela primeira vez... Que foi em cima dos dois assassinatos, da Eloísa e da Regina.

Branca Vianna: Vou parar um minutinho aqui pra explicar esses outros dois casos que a Celina citou – o da Eloísa e o da Regina –, porque eles foram muito importantes pra gente entender o que aconteceu em seguida.

Eu conversei sobre esses casos com a historiadora Mary Del Priore, que já apareceu aqui antes. Uma das linhas de pesquisa dela é a dinâmica de homens e mulheres dentro dos

relacionamentos. E num dos livros dela sobre esse assunto – um livro que chama *Histórias Íntimas* –, ela usa como exemplo justamente o caso dessas duas mulheres.

Vamos começar pela Eloísa.

A Eloísa Ballesteros morava em Belo Horizonte com o marido, o Márcio Stancioli. Eles tavam casados há alguns anos, tinham dois filhos... e o relacionamento tinha esfriado.

Mary Del Priore: Ele disse que ele começa a desconfiar dela em '78, depois que ela passa alguns dias sozinha em São Paulo. E aí ela volta com um corrimento, que ele associa a doença venérea. E depois, é óbvio, a coitada da mulher é examinada, não tem doença venérea nenhuma, né.

Branca Vianna: Mas o marido continuou desconfiado. E, em julho de 1980, a Eloísa falou para ele que ela queria se separar.

Mary Del Priore: Depois de tomar uma garrafa de whisky para relaxar, ele descarrega cinco balas nela, e recarrega a arma, e ainda dá mais dois tiros para ter certeza que ela morreu.

Branca Vianna: Isso foi no dia 27 de julho de 1980. A Eloísa tinha 32 anos. Na semana seguinte, uma matéria da revista *Veja* relembrou o caso da Ângela Diniz e o caso da Jô Lobato.

A reportagem diz assim: “Foram todas mulheres de temperamento forte. Quando quiseram separar-se e escolher outros caminhos, foram fulminadas pelas balas que Minas ainda reserva às mulheres que violam seu código de honra conjugal.”

O outro caso que a Celina Albano citou, o da Regina, não é muito diferente: ela tá falando da Maria Regina Santos Souza Rocha, também de Belo Horizonte, mas com uma vida bem mais limitada que a da Ângela e a da Eloísa.

Ela casou com o Eduardo, o primeiro namorado dela, e teve três filhos com ele. E o Eduardo era tão ciumento que não deixava nem ela se consultar com ginecologista homem. A Maria Regina só saía sozinha de casa se fosse pra levar as crianças na escola, ou pra ir na aula de ginástica. Depois de cinco anos disso, ela supostamente estava pensando em se separar.

E duas semanas depois do assassinato da Eloísa Ballesteros, a Maria Regina também foi assassinada pelo marido. Ela tinha 30 anos. Aqui, de novo, a Mary Del Priore.

Mary Del Priore: O famoso crime do Eduardo de Souza Rocha, que assassina a mulher, a Maria Regina, e o que é que ele vai argumentar? Que ela andava de minissaia pela rua com jeito de mulher fácil quando eles se casaram. Ele se casou porque ela estava grávida, portanto ela tinha perdido a virgindade, né. Ela usava roupa indecente, inclusive

biquíni. Gostava de fazer ginástica, queria estudar, trabalhar fora de casa e até andar de carro sozinha.

Branca Vianna: Essa sequência de dois assassinatos de mulheres – pelos maridos delas, motivados por ciúme – foi o estopim de uma mobilização de mulheres em Minas que ia reverberar pelo país todo.

Lembrando que esses dois casos, da Eloísa e da Regina, aconteceram em 1980, o ano seguinte do primeiro julgamento do Doca Street. Em '79, ele tinha tido até claque de apoiadores no tribunal.

E esse movimento das mineiras acabou sendo fundamental pro clima que se armou enquanto corria o processo pro segundo julgamento do Doca.

Mas eu queria chamar a atenção pra um detalhe aqui: os assassinatos da Eloísa e da Regina provocaram uma reação que o assassinato da Ângela, quatro anos antes, não provocou.

E isso não tinha a ver só com a volta das feministas na Anistia. Tinha a ver também com a Ângela Diniz não ser uma “vítima ideal”.

A primeira pessoa que tocou nesse assunto durante as entrevistas foi a Mirian Chrystus, que é jornalista e feminista desde os anos '70.

Mirian Chrystus: Sim, a criação da Ângela Diniz até certo ponto foi normal e corriqueira, mas depois ela rompeu com essa educação quando ela vai pro Rio, quando ela se separa do marido, o ótimo casamento que ela tinha feito, depois, enfim, ela... Ela tem uma vida mais liberada, né. Então, assim, e eu te digo que era muito mais difícil defender Ângela Diniz porque, no caso das outras duas mulheres que foram mortas em '80, elas eram mulheres, donas de casa, bem-sucedidas financeiramente, mas que não tinham absolutamente nada que fosse... Ai, é ruim, né... pera aí.

Branca Vianna: Não, não, isso é super importante. É muito importante e é uma coisa que acontece em todos os movimentos. O movimento gay nos Estados Unidos, por exemplo, conseguiu que a Suprema Corte aprovasse o casamento homoafetivo porque eles escolheram um caso que eram duas mulheres, que tavam juntas há cinquenta anos...

Mirian Chrystus: Eu, pra ser franca, eu senti até alívio quando eu vi as duas mulheres que a gente teria que defender, alívio no sentido jornalístico do ato que eu tava preparando. Não teria que dar uma volta a mais. Nós já tínhamos defendido Ângela Diniz, e a gente defenderia sempre, mas é como se tivesse que dar uma volta a mais, entendeu? Era mais difícil defendê-la publicamente, porque ela tinha um comportamento que não era considerado, principalmente em Belo Horizonte e em Minas Gerais, a pantera, a socialite, a mulher que talvez até tivesse tido um caso com outra mulher. Pra nós, isso não interessava em nada, mas estrategicamente isso era mais difícil pra nós. Então, em '80, essas duas mulheres, foi mais fácil, em certos termos, defender. Duas mulheres mortas por seus companheiros, seus maridos, porque queriam apenas se

separar deles. Pronto. Não que a gente pensasse assim, evidentemente, isso tem que ficar muito claro, mas, assim, em termos estratégicos, eu acho que foi mais fácil essa defesa.

Branca Vianna: Pode parecer calculista, mas é uma realidade pra quase todo movimento social. Não é toda tragédia que consegue mobilizar um movimento, porque sempre tem quem contra-argumente: “ah, não, tava pedindo.”

Os casos que se encaixam mais fácil nos “padrões de moralidade” comovem mais gente, têm uma narrativa mais estratégica. Então era mais fácil mobilizar mais gente indignada com os assassinatos da Eloísa e da Maria Regina do que com o da Ângela, a “Pantera de Minas”.

E olha só: entre o assassinato da Ângela e os assassinatos das duas outras mineiras, teve outro caso que causou barulho. Uma mulher chamada Maria Regina Resende foi assassinada em São Paulo em setembro de 1979, pouco antes do primeiro julgamento do Doca. E, naquele mês, quando parecia que o assassino ia ser solto, teve até uma passeata em frente ao DOPS, com centenas de pessoas.

Então por que pouca gente ouviu falar desse caso? Por que eu nunca tinha ouvido falar desse caso até bem pouco tempo atrás?

Provavelmente porque a Maria Regina Resende era garota de programa, e foi morta por um cliente. E porque quem participou dessa passeata, com centenas de pessoas, em frente ao DOPS, foram prostitutas e travestis. E ainda tinha o fato de que a Maria Regina estava num relacionamento com outra mulher quando foi assassinada.

Nem toda morte vira símbolo. E nem todo símbolo encontra eco na sociedade. Mas outro ponto que não dá pra desconsiderar nesse processo todo é o efeito cumulativo.

Então, vamos lá: em '79, a Lei da Anistia, a volta das feministas, e também o primeiro julgamento do Doca, em outubro – e vamos lembrar que ele saiu ovacionado do tribunal. E aí, em '80, duas mineiras – certinhas, não panteras, e muito menos prostitutas – foram assassinadas pelos maridos.

Tudo isso junto pesou pra engrenagem rodar em Minas Gerais.

Mirian Chrystus: Elas foram mortas, essas duas mulheres, num espaço de quinze dias, e isso na época gerou um sentimento de perplexidade. Nós achamos aquilo terrível, a gente sentiu, a gente se sentiu instada a fazer alguma coisa.

Branca Vianna: Nesse caldo da virada dos anos '70 pra '80, um grupo pequeno de mulheres começou a se juntar em BH pra discutir a causa feminista. A Celina Albano fazia parte desse grupo, a Mirian Chrystus também – e eu falei ainda com outra participante desses encontros, a Elizabeth Fleury.

Elizabeth Fleury: Era todo domingo de tarde. Minha mãe falava: “Onde você está indo?” “Vou para a reunião do movimento de mulheres” [risos]. Era a conversa. A gente não falava “movimento feminista”, falava “movimento de mulheres”.

Branca Vianna: A Celina, a Mirian e a Elizabeth estavam todas na faixa de trinta anos – e nenhuma delas tinha organizado uma manifestação antes. Aqui, a Mirian, de novo.

Mirian Chrystus: Não havia manifestações, não era comum esse tipo de manifestação. Tinha havido, naturalmente, em '75 pela morte do Herzog, tinha havido a manifestação em São Paulo, Passeata dos Cem Mil, aquela coisa toda. Mas eram manifestações é... escassas, raras.

Branca Vianna: E não feministas, né.

Mirian Chrystus: E não feministas, e mais ainda, né, com este tema.

Branca Vianna: Em pouco mais de uma semana depois da morte da Regina, o grupo delas organizou a primeira manifestação da vida delas.

Elizabeth Fleury.

Elizabeth Fleury: A gente era tudo muito juvenzinha, então... Agora, eu acho impressionante como a gente sabia o que fazer. A gente era jovem, mas a gente era corajosa. E a gente era porreta.

Branca Vianna: Nenhuma delas lembra com muito detalhe como se deu essa organização. Era como se as peças fossem caindo e encaixando no lugar. Era a hora certa. O ato foi marcado na Igreja São José, em uma missa pela alma das mulheres mortas.

No dia seguinte, o *Diário da Tarde* publicou cobertura do evento, com uma linha fina meio estranha, bem da época: “Mulheres não querem competir, querem o homem como companheiro.”

Na foto que saiu na capa do jornal, nem dá pra ver que é na escadaria da igreja. Só dá pra ver uma pequena multidão de mulheres de várias idades, aparentemente esperando para falar em dois microfones. Tem uma série de faixas estendidas que se entrecruzam, que não dá pra ler direito. Só palavras soltas. “Mulher.” “Defesa.” “Direitos.” “Mata.”

Numa outra foto, dá pra ver um padre rezando a missa, com o chão na frente dele coberto de flores. A gente colocou essas fotos lá no nosso site da Rádio Novelo, se você quiser ver.

Mirian Chrystus: Tinha umas quatrocentas pessoas. O que, pra época, é... e era muito bonito porque, se você considerar ali a escadaria da Igreja São José, não havia grades, e a gente pediu que as pessoas levassem flores, e teve uma empresária que nos deu um caminhão de rosas vermelhas. Então as pessoas portavam, as mulheres portavam rosas vermelhas e velas acesas na mão, então foi um ato teatral como a gente queria, né. Então nós fizemos o ato no adro da igreja, também com o sentido de crítica ao

casamento proposto pela Igreja, né. Veja só: o ato começava com uma leitura, no momento do meu manifesto, que começava com um poema anônimo de um senhor que está partindo pra guerra e entrega a chave do cinturão de castidade para a sua senhora. Então eu dizia que isso era uma manifestação de amor; e em Minas, mais de mil anos depois, os homens matavam as mulheres que queriam deles se separar.

Branca Vianna: Tudo isso logo chamou a atenção da imprensa. Conforme o planejado.

Mirian Chrystus: E a novidade, né... porque hoje eu penso assim, por que aquele ato teve tanta repercussão local, na imprensa local e nacional até? Ela foi coberta na época para o *Jornal Nacional*, e na verdade ela foi feita num determinado horário, a manifestação, para sair no *Jornal Nacional*, porque nós éramos jornalistas, a Globo tinha interesse jornalístico de colocar a matéria no *Jornal Nacional* e tudo foi muito conjoinado. Então assim é, o ato foi, digamos, sei lá, às seis e meia, sete horas, o ponto alto, para ainda pegar o horário de satélite, mandar a matéria para o *Jornal Nacional*. Desde o começo e desde sempre, como nós éramos jornalistas, a gente sempre teve muita muita noção do que é um... do que é um fato político e o que é aquilo que rende notícia, aquilo que rende matéria. Nós tínhamos essa noção muito forte. E, enfim, então eu acho que o ato teve essa imensa repercussão, né, se considerar que foram dez dias apenas de organização, porque era a novidade.

Branca Vianna: E essa mobilização reverberou nacionalmente. Em parte, talvez, graças ao slogan.

Celina Albano: Pela primeira vez a violência era o foco. Não era desigualdade, entendeu? Era a violência. Tanto é que a gente fez o slogan “quem ama não mata”.

Mirian Chrystus: Olha, a história do slogan do movimento “Quem ama não mata” é uma história que eu considero muito bonita. Porque nós planejamos o ato de 18 de agosto de 1980, a própria mídia se encarregou de divulgá-lo antecipadamente, não é? E alguns dias antes da realização do ato apareceu pichado em um muro, num colégio tradicional de Belo Horizonte, um colégio de freiras, o Colégio Pio XII, a frase, uma frase rústica: “Se, se ama, não se mata.”

Branca Vianna: Coincidência ou não, essa foi a escola primária onde a Ângela Diniz estudou.

Mirian Chrystus: Como a Globo tava cobrindo tudo que dizia respeito ao ato, eu, como repórter, eu fui lá, filmei esse muro, tentei entrevistar as freiras, elas não quiseram dar entrevista, e imediatamente depois que eu saí, elas cobriram com tinta aquela pichação, vamo dizer assim. E imediatamente outras pessoas começaram a dar entrevistas sobre a questão da mulher. Celina Albano deu entrevista pro *Jornal Nacional* e, já tendo modificado essa frase, para “quem ama não mata”, que era evidentemente mais direta, mais sintética, né, e não era tão sibilante, “se se ama não se mata”, né. Quando você olha algumas pouquíssimas fotos do ato, você vê numa delas um rabicho da frase, “não mata”. Só esse resto.

Esse slogan, “quem ama não mata”, ele é a expressão de um desejo, ele é a expressão de uma utopia, vai ser muito difícil você encontrar uma pessoa que seja contra esse slogan, “quem ama não mata”. Ele é verdadeiro? É até certo ponto, mas ele também é falso, porque quem ama mata, sim, quem ama mata. É mais fácil alguém que ama matar do que alguém que seja indiferente matar.

Mas é uma palavra de ordem que eu fico pensando às vezes, sabe, quem foi a pessoa que pichou aquela palavra de ordem um dia num muro de Belo Horizonte? Quem pichou essas coisas, né? Eu sei que todo dia eu agradeço essa pessoa, porque ela nos deu uma palavra poderosa na luta contra o machismo patriarcal, contra a violência, contra o desrespeito, contra tudo...

Branca Vianna: Eu também adoraria saber quem foi o autor dessa pichação, mas tem informação que nem a Flora, nossa pesquisadora, consegue encontrar. Agora, o que importa é que esse lema potencializou o movimento. Agora ele tinha um nome, tinha uma identidade.

Esse era o clima em BH quando o segundo julgamento do Doca Street foi agendado.

Paulo "Badhu": No primeiro julgamento, eu era chamado na rua: “Ô, doutor Paulo, oi, doutor Paulo, como vai, bom dia, boa tarde.” Todo mundo querendo falar comigo. No segundo julgamento, até os meus amigos sumiram pra não falar comigo. Houve uma mudança, assim, radical da mídia e de tudo.

Branca Vianna: Além do promotor, que já morreu, o Paulo "Badhu" foi o único advogado que participou dos dois julgamentos.

Branca Vianna: E o que o senhor acha que aconteceu entre o primeiro e o segundo julgamento pra ter havido essa mudança tão drástica?

Paulo "Badhu": Uma matança de mulheres no Brasil inteiro. Em Goiás, em Minas Gerais, Stancioli matou a mulher lá em Belo Horizonte. Aí foi um... ficou um, como se acontecesse um mau exemplo, tá, um mau exemplo. Então houve uma... mulheres se revoltaram, já havia também um movimento pró-mulheres. Não existia na época juíza, promotora, delegada, procuradora. Não existia nada disso. A mulher era simplesmente... era uma companheira do homem. Desde naquela época, é ali que começou propriamente, vamos dizer assim, a libertação das mulheres, né. Foi uma libertação das mulheres.

Branca Vianna: Acho que dá tranquilo pra descartar a hipótese do "Badhu" de que o mau exemplo do Doca desencadeou uma matança desenfreada de mulheres. Isso porque a gente viu que, pelo menos desde as Ordenações Filipinas, era normal matar mulheres e não ser punido.

E, enfim, cabe dizer também que em '79 já tinha advogadas, procuradoras etc. Poucas, mas tinha. Mas fato é que alguma coisa clicou, e a violência consistente e as mortes de mulheres pelos seus companheiros, que vinham sendo tacitamente aceitas por todo mundo há séculos, de repente começaram a gerar revolta.

Paulo "Badhu": Na segunda, nós já entramos condenados. Nós já entramos condenados. Porque no primeiro julgamento uma multidão favorável. "Sorte, Doca. Sorte, homem." Na segunda, totalmente era o contrário.

Branca Vianna: O elenco no tribunal tinha mudado, e não só do lado de fora e na plateia. A acusação tinha um novo personagem: o Heleno Fragoso. Ele era um advogado conhecido, foi até chamado pelo *Jornal do Brasil* pra acompanhar e comentar o primeiro julgamento do Doca em '79.

Na época, o título do artigo que ele escreveu foi *Absolvição do machismo*. Provavelmente em grande parte por causa disso, a família da Ângela chamou ele pro segundo julgamento. Agora, ele ia assumir a assistência da promotoria, entrando no lugar do Evaristo de Moraes Filho.

O outro lado também mudou. O Evandro Lins e Silva não podia voltar a defender o Doca, porque uma linha importante da defesa dele no primeiro julgamento foi toda construída em cima do fato de que aquele seria seu canto do cisne no tribunal do júri. Então quem assumiu a defesa foi outro advogado, o Humberto Telles.

E, fora o argumento do canto do cisne, ele manteve a linha de defesa do Evandro. Mesmo com todas as pistas de que o clima tinha mudado completamente nos dois anos anteriores. Aqui, de novo, o Paulo "Badhu".

Paulo "Badhu": Manteve, até em respeito ao ministro. Que foi ele que fez a... do primeiro julgamento e ele... respeito a ele, o Evandro. Só que não deu certo. Mas mudou, olha, radicalmente. Foi uma coisa assim de... eu nunca vi disso. Eu nunca vi disso. Uma mudança assim tão radical. Podia até mudar, né? Mas foi uma mudança assim. As mulheres se assanharam, saíram pra rua. Mulher não saía pra rua, tinha medo. Aí com cartazes, com tudo, quebrando. E dominaram tudo. É, elas impuseram um medo nos jurados, a verdade é essa. Os jurados ficaram com medo das mulheres.

Branca Vianna: Tanto o Humberto Telles quanto o Heleno Fragoso já morreram. Mas além de ouvir o Paulo "Badhu", eu fui conversar com o Fernando Fragoso, filho do Heleno, que acompanhou o pai como assistente neste julgamento.

Fernando Fragoso: O Doca foi vaiado quando chegou ao tribunal do segundo júri. Havia toda uma movimentação, havia faixas do movimento feminista. Havia... E o movimento das mulheres realmente recrudescera ali naquela altura e foi decisivo. Foi decisivo. As mulheres se movimentaram para valer! Tanto que o próprio povo de Cabo Frio mudou completamente de posição. Mudou completamente. O Humberto Telles, que foi advogado de defesa no segundo júri - também falecido - era um belo advogado. Ele entrou vencido. Claramente vencido.

Branca Vianna: O Humberto Telles parecia ter incorporado Evandro Lins e Silva, de tanto que seguia à risca os seus argumentos. Ele chamou a Ângela de "mulher diabólica", uma "infeliz

que se autodestruíu”. E ele foi além: ele pegou a ideia de que a Ângela queria morrer e esticou mais ainda a corda, dizendo que ela “nasceu a fórceps, como se estivesse identificada com a morte desde o nascer”.

Já o Doca, nas palavras dele, era um “meninão grande, alma de cigano”. Palavras dele; porque eu não sei que diabos ele quis dizer com isso. Agora, do lado da acusação, um personagem inconveniente voltou a atacar.

Fernando Fragoso: O Fador Sampaio, promotor, tomou uma hora e meia do tempo (risos) e deixou a gente muito entristecido, porque houve uma preparação longa. Aí depois ele se justificou dizendo que, no outro júri, a acusação perdeu porque ele deu muito tempo para o Evaristo falar... Ou seja, ou seja: ele era muito melhor que o Evaristo (risos), e o Evaristo perdeu o júri. "Agora, eu sou melhor que o Heleno e vamos ganhar esse júri!" Por favor, né?

Branca Vianna: No final, o Heleno Fragoso teve mais ou menos meia hora pra sustentação oral dele.

Mas ele estava preparado. A linha que ele adotou foi a de se colocar como uma voz que estava do lado das mulheres e contra a violência que sempre se praticou por parte dos homens contra elas. Era uma mensagem simples, na verdade.

Ele disse, por exemplo, “A honra do homem não reside no sexo da mulher”. E outra: “A Ângela era uma mulher decente e honesta que amava os filhos. Ela não está em julgamento, e sim Doca Street”.

Dessa vez eu vou economizar nos pormenores do julgamento em si. Em parte porque nenhum registro da cobertura sobreviveu nos acervos pra contar a história. Mas principalmente porque o que aconteceu de importante mesmo aconteceu do lado de fora do tribunal.

Hildete Pereira de Melo: Aí a gente resolveu que o segundo julgamento não ia passar em branco. Que nós íamos para Cabo Frio fazer uma vigília no julgamento. E foi o que a gente fez.

Branca Vianna: Essa é a Hildete Pereira de Melo, economista e feminista.

Hildete Pereira de Melo: Nós fomos nos carros das... Nossos mesmos, né. Quando a gente já chegou em Cabo Frio, no final da manhã, o julgamento ia começar de tarde, no final da manhã, a gente já desceu dos carros e foi... Uma parte foi de ônibus, né. Cabo Frio é relativamente perto. Quando a gente chegou em Cabo Frio, aquele monte... A gente já tinha levado umas faixas e tal. E a gente parou todo mundo para se concentrar, abriu as faixas, e aí, como era naquela rua de Cabo Frio grande que tem o canal, a gente já desceu ali andando, e aí foi juntando gente. Porque o povo de Cabo Frio, as mulheres de Cabo Frio e a turma jovem de Cabo Frio, já estava esperando, sabia o que era. Porque nós já tínhamos dito que nós íamos pra Cabo Frio.

Branca Vianna: Então, tá. Então, vocês chegaram lá, saíram dos carros já com faixa e foram andando pela rua principal de Cabo frio.

Hildete Pereira de Melo: Com faixas e cartazes, e fomos andando por aquela rua principal até o Fórum, e acampamos, como manda a lei, a 100 metros, para ninguém ser presa.

Branca Vianna: Acamparam com barraquinha, tinha barraca?

Hildete Pereira de Melo: Que barraca, que nada! Só ficamos sentadas no meio-fio da rua. Sentada lá, aí começou o julgamento. Porque quando a gente chega, daí a pouco vai começar o julgamento, sorteio essas coisas todas.

Branca Vianna: O grupo ficou fazendo vigília do lado de fora do tribunal, levantando faixas e juntando mais gente.

As faixas diziam: “O silêncio é cúmplice da violência.” “Sem punição, mais mulheres morrerão.” “Condenação para Doca.” E “Abaixo a discriminação.” Nas fotos da época, dá pra ver um grupo pequeno, mas animado, aparentemente entoando gritos de guerra, com alguns curiosos em volta.

Hildete Pereira de Melo: Nós éramos, eu era jovem, na época, mas Romy Medeiros foi com a gente. Romy Medeiros era uma mulher de mais de sessenta, sessentona, mais do que isso.

Branca Vianna: Lá sentada no meio-fio.

Hildete Pereira de Melo: Lá sentada no meio-fio, assim. Aí ela bebia... Trouxeram café pra gente em umas garrafas térmicas, com copo de vidro, aí essa cena é antológica: aí a Romy pegou, botou café no copo de vidro, aí olhou, assim, disse, tomou um gole e disse assim: "Como é gostoso! Nunca tinha tomado na minha vida café no copo."

Branca Vianna: O que já te dá uma ideia de qual era a classe social a que pertenciam as feministas, né?

Hildete Pereira de Melo: Exatamente.

Branca Vianna: Claro que todo esse movimento perto do tribunal chamou a atenção da polícia.

Hildete Pereira de Melo: Aí nisso chega o delegado de Cabo Frio.

Branca Vianna: Para falar com vocês?

Branca Vianna: Nessa altura, o delegado de Cabo Frio já não era mais o nosso velho conhecido Newton Watzl, aquele que queria acabar com os hippies, tóxicos e ônibus de excursionistas. O Watzl tinha sido transferido para outro município, e agora o delegado era outro.

Hildete Pereira de Melo: Eduardo Laranjeiras. Aí ele se apresentou: "Eu sou o delegado de polícia de Cabo Frio, eu quero saber quem responde por esta manifestação." Gelou. Todo mundo se olhou e ninguém ficou, disse assim: vai ter prisão. Nós vamos ser presas porque a gente está aqui fazendo arruaça meia-noite, uma hora

da manhã, aqui em Cabo Frio, e o júri ainda está correndo solto. Aí eu levantei e disse: "Eu." Aí ele disse: "Eu sou Eduardo, eu sou o delegado Eduardo, muito prazer! Eu quero dizer para as senhoras que vocês estão, é muito bem-recebida, que a polícia... Está tudo em paz aqui? Não teve nenhum, ninguém para mexer com vocês?" "Não, ninguém." Todo mundo se olhava. Mas a polícia está oferecendo, tem uma casa vizinha lá, se vocês quiserem ir no banheiro, tomar um banho e um cafézinho.

Branca Vianna: Ele ofereceu para vocês uma casa de apoio. (risos)

Hildete Pereira de Melo: Casa de apoio!

Branca Vianna: Que maravilha!

Hildete Pereira de Melo: Foi impressionante.

Branca Vianna: No grupo das feministas no meio-fio, tinha pelo menos uma mineira.

Otilie Pinheiro: Não, eu revi essa foto agora e me surpreendeu que nós fôssemos tão poucas. E que tenham causado tanto barulho.

Branca Vianna: Essa é a Otilie Pinheiro, que foi de Belo Horizonte até Cabo Frio pra participar da vigília. Ela tá falando de uma foto que saiu no *Estadão*. Na foto, a gente vê uma linha bem esparsa de mulheres segurando faixas.

Otilie Pinheiro: Nós não éramos muitas. Eles falam, quer dizer, teve os advogados de defesa do Doca, falaram que nós ameaçamos (risos), que nós constrangemos o júri, né, por isso que teve aquele resultado. Mas não, nós não fizemos absolutamente nada assim. Se vocês olharem essa foto que eu trouxe, está... Você vê que nós não éramos muitas. Tinha no máximo umas cinquenta.

Branca Vianna: Comparar os dois julgamentos do Doca Street parece quase uma experiência de laboratório. Era o mesmo caso, e a argumentação de um lado e de outro mudou muito pouco.

O segundo julgamento praticamente repetiu a mesma duração do primeiro: foram pouco mais de dezoito horas. Mas o clima do entorno era completamente diferente.

E, como todo cientista sabe, a gente só consegue chegar nos mesmos resultados se a gente estiver trabalhando com as mesmas condições de temperatura e pressão. E, dessa vez, a pressão em torno do julgamento acabou fazendo a justiça chegar mais perto de ser alcançada. Disso nem o Doca discorda.

Branca Vianna: É... bom, já que estamos aqui, né, vou fazendo as minhas perguntas que eu tô querendo fazer há meses. Saber se você, no caso dos dois julgamentos, que foram tão diferentes, você acha que a justiça foi feita em um dos dois julgamentos?

Doca Street: Eu, eu... eu nunca pensei, na primeira ocasião, que eu fosse ser... É, eu fui condenado, mas fui condenado a dois anos, saí com sursis.

Branca Vianna: Isso te surpreendeu?

Doca Street: Me surpreendeu. O Evandro era um mágico... hipnotizou o juiz lá, sei lá.

Branca Vianna: Você achou que você ia ser condenado a mais tempo, ia pra cadeia?

Doca Street: Depois eu fui condenado a quinze anos.

Branca Vianna: No segundo julgamento, Doca foi condenado a 15 anos de reclusão por homicídio qualificado. A mãe da Ângela, Maria Diniz, escreveu uma carta à imprensa. Mas quem leu pras câmeras foi uma das irmãs dela, a Maria José.

Maria José Tavares: “Jamais poderei dizer que estou feliz, pois a perda de um filho não permite que se desfrute mais dessa palavra maravilhosa. É um sentimento inexplicável, um vazio eterno, uma saudade que aumenta a cada dia. As calúnias e injúrias que o indivíduo que dizia amar Ângela jamais se apagarão de minha memória. Minha filha era uma mulher desquitada, portanto livre. Jamais, jamais uma libertina. Meu carinho a todos que contribuíram para elevar o nome de nossa Justiça, tão desacreditada. Os que têm padrinhos milionários também são condenados. Não só os pobres vão para a prisão. Maria Diniz.”

Branca Vianna: A condenação do Doca foi considerada uma conquista pelo movimento feminista.

Repórter: O que você achou da condenação de Doca Street?

Entrevistado 1: Justa, cadeia, porque ele merecia mesmo.

Branca Vianna: Esse registro é um “povo fala” que a gente achou no Museu da Imagem e do Som em Belo Horizonte.

Entrevistado 2: Eu acho justa a condenação. Ele fez um crime, tem que ser condenado como qualquer outro crime.

Entrevistado 3: É a prova de que o machismo já caiu por terra.

Branca Vianna: Talvez esse último cara tenha exagerado um pouco. Numa entrevista pra tevê, o advogado Heleno Fragoso foi mais ponderado.

Heleno Fragoso: Eu creio que, no julgamento de Doca Street, os meios de comunicação de um modo geral exerceram uma função extremamente importante, no sentido de uma certa conscientização do ridículo que representa no estado atual dos nossos costumes a tese da legítima defesa da honra, para o homem que, abandonado pela mulher, a fuzila com quatro tiros na cara. Creio que essa decisão pode ter a sua relevância, mas... Isto exigirá ainda que passe muito tempo, para que se modifique substancialmente a posição da mulher na sociedade, o que vai depender não só de uma eliminação da desigualdade entre os sexos mas também da eliminação de uma estrutura opressiva e violenta que existe na sociedade atual.

Branca Vianna: O Fragoso tinha razão. Esse julgamento era simbólico, de certa forma, e serviu de mola propulsora pra um trabalho muito maior. Em Minas, esse trabalho já tinha começado logo depois do ato na igreja. Aqui, de novo, a Mirian Chrystus.

Mirian Chrystus: Então, quatro dias depois, nós criamos o Centro de Defesa da Mulher, que se propunha a ser um centro de estudos, de reflexão, e de elaboração de políticas públicas para o enfrentamento da questão da violência que se abatia contra as mulheres.

Branca Vianna: O Centro de Defesa da Mulher foi uma das várias iniciativas que surgiram nessa época. O objetivo comum era atender mulheres vítimas ou ameaçadas de violência antes que elas fossem mortas.

Vários desses grupos vieram a se chamar “SOS Mulher”. Em muitos casos – e em Belo Horizonte teve isso – uma das coisas que esses grupos faziam era abrir uma linha telefônica e ter voluntárias se revezando para atender.

Branca Vianna: Vocês tinham como se fosse um disque-denúncia? E as pessoas ligavam...

Otilie Pinheiro: Um disque-denúncia. E o meu plantão era terça à noite.

Branca Vianna: Essa é, de novo, a Otilie Pinheiro, que participou das manifestações em BH e em Cabo Frio.

Otilie Pinheiro: E tinha uma mulher que, durante uns dois meses, ela me ligava na terça-feira pra conversar e falava assim: “Tô aqui na Pampulha” – que é um bairro chique de Belo Horizonte – “e estou presa numa gaiola de ouro. Eu tenho tudo, assim, que o dinheiro pode comprar e a mulher pode sonhar, mas eu estou presa.” E às vezes ela falava assim: “Tenho que desligar”; e pronto.

Branca Vianna: Só que essas mulheres que ligavam pro SOS Mulher não tavam fazendo uma denúncia pra polícia. Elas tavam ligando prum grupo de feministas voluntárias. Então, o máximo que essas plantonistas conseguiam fazer era convencer a mulher do outro lado da linha a fazer de fato uma denúncia, e muitas vezes até acompanhar essa mulher na delegacia.

Aqui, de novo, a Mirian Chrystus.

Mirian Chrystus: Porque a gente sabia que as mulheres, quando iam denunciar, as poucas que tinham muita coragem, denunciar uma violência sofrida, elas chegavam nas delegacias e eram novamente humilhadas e ofendidas. Então a palavra de ordem é que nós precisamos criar delegacias de mulheres, onde elas sejam acolhidas e respeitadas num momento tão difícil. Aí, cinco anos depois, foram criadas as primeiras delegacias no Brasil.

Branca Vianna: Os movimentos nascem e morrem da contingência de um momento histórico e da convergência de muitas decisões individuais. Nunca dá pra apontar pra um único momento e dizer: aqui. Nasceu aqui.

Mas o ato na Igreja São José, em agosto de 1980, foi um marco. Daquela missa, da revolta com as mortes da Eloísa e da Maria Regina, somada à revolta com o caso da Ângela, saiu um movimento que ganhou muito peso. Manifestações, centros organizados de apoio, iniciativas voluntárias, e o esforço coordenado pra criação de políticas públicas que dessem respaldo pra tudo isso.

Aquele foi um começo, uma ampliação de horizonte pra luta feminista. E isso ia reverberar muito na mídia. De novo, a historiadora Mary Del Priore.

Mary Del Priore: Há uma reação grande que vai... Que vai dar... Primeiro um apoio enorme dos jornais, né? A TV Globo vai sair na frente com seriados – *Malu Mulher*, o programa *TV Mulher*, que é animado pela Marta Suplicy...

Branca Vianna: Em '82, a Globo pegou o slogan do movimento e fez uma minissérie chamada... *Quem ama não mata*. E claro que isso tudo ia moldando a opinião pública.

Agora, eu não queria fechar esse assunto sem trazer pra discussão a ideia de *backlash* dos movimentos progressistas. Quer dizer: a ideia de que todo avanço gera também um rebote, um ricochete – no caso, uma reação conservadora. Então, cada vitória vem também com um retrocesso. O que põe em questão toda a noção de avanço, pelo menos numa perspectiva de curto prazo.

Eu perguntei sobre isso pra Mary Del Priore, porque ela cita, nos estudos dela, dois momentos do século XX em que a violência contra a mulher ficou mais em evidência: nos anos '20 e '30 – que foi justamente o auge do movimento sufragista, o movimento de luta pelo voto feminino no mundo todo, inclusive no Brasil; e nos anos '70 e '80, logo depois de um grande momento de liberação sexual.

Mary Del Priore: Eu acho que tem a coisa do *backlash*, acho que tem a coisa de uma visibilidade maior, de um público maior que consome essas informações sobre violência. Um público que é conservador e que lê isso, e que degusta isso, digamos, como informação, até para valorizar, digamos, a sua tradição conservadora. Isso sem nenhuma dúvida. E eu acrescentaria um outro dado importante: tanto nos anos '20 e '30 você vai ter industrialização do Brasil, uma migração campo-cidade, a primeira grande migração, em que as mulheres entram no mercado de trabalho, né. E eu estudei bem esse período, você tem dissolução de casamento... de noivado, porque nem se casam, porque a moça quer trabalhar. Trabalhar é sinônimo de ganhar a vida na rua, rua é sinônimo de prostituição. E mesmo entre os anarquistas existe um discurso violentíssimo contra a presença da mulher na usina, na fábrica. A fábrica é um lupanar, a mulher não pode trabalhar, tá? E você, nos anos '70 e '80, tem o mesmo fenômeno de migração, graças ao milagre econômico, muita mulher trabalhando, mulheres de classe subalterna

trabalhando, uma independência financeira que lhe permite afrontar o homem. Então você tem também esse fenômeno econômico aparecendo por trás disso tudo.

Branca Vianna: De novo, a Mirian Chrystus.

Mirian Chrystus: Mas às vezes eu penso, eu, Mirian, eu me recordo de ir no Paraná, quando eu tinha 9 anos de idade, que me falavam da minha bisavó que morava na Polônia, onde ela morava no campo. E aí havia noites onde ela escutava o marido voltando não sei de onde gritando o nome dela, e a carroça e os cavalos e ele gritando, e ela sabia que ele vinha bêbado e iria espancá-la. Então ela pegava as crianças e se escondia nas matas, nas matas dos... lá da Polônia, do Sul, sendo que muitas dessas crianças ficaram doentes. Não sei, aquilo sempre me comoveu, aquela mulher que eu não conheci, imagina o terror daquela mulher quando ela escutava: "Maria, Maria", e ela corria. Então, então assim, desde aquele momento, eu ficava pensando: "Gente, por que as mulheres passam por isso tudo?" E eu ia dar a minha gota d'água nesse imenso mar da desigualdade, eu ia dar a minha gota d'água de contribuição, e foi o que eu fiz, né.

Branca Vianna: E a contribuição do "Quem ama não mata" abriu precedentes.

Mirian Chrystus: A contribuição jurídica desse movimento, que é claro que não é imediata, mas eu me recordo muito bem de entrevistar Ariosvaldo Campos Pires, que eu era repórter.

Branca Vianna: Que é quem?

Mirian Chrystus: Ariosvaldo Campos Pires, um grande jurista aqui. E ele era defensor na época de um dos maridos, não me recordo qual, eu falei: "Até quando que vocês vão usar a tese da legítima defesa da honra?" E ele me falou, muito francamente: "Enquanto funcionar."

Branca Vianna: O Ariosvaldo Campos Pires foi o mesmo advogado que absolveu – duas vezes – o marido da Jô Lobato, usando o argumento da legítima defesa da honra. Quando a Mirian falou com ele, ele tava defendendo o marido da Eloísa Ballesteros.

A gente encontrou um depoimento do Ariosvaldo no Museu do Imagem e do Som de Belo Horizonte.

Repórter: A condenação de Doca Street muda os rumos de sua defesa ou o senhor pretende continuar usando a figura da legítima defesa da honra na defesa de seu cliente?

Ariosvaldo Campos Pires: Evidentemente não apenas eu, mas como qualquer advogado que se preza, continuará a invocá-la na medida em que ela se ajuste ao caso de fato posto em julgamento.

Branca Vianna: Como a gente já falou aqui, no episódio do primeiro julgamento do Doca, a argumentação dos advogados de júri popular é reflexo da sociedade. O Ariosvaldo ia usar a legítima defesa da honra até onde colasse. O resto dependia da sociedade.

Mirian Chrystus: Nós sabemos que as mudanças históricas são lentas, o tempo histórico é um, o nosso tempo, e o tempo jornalístico principalmente, é outro. A gente tem que ter paciência histórica, mas a paciência histórica não pode ser resignação, eu acho que a gente sempre tem que... Tem fazer a nossa parte, né?

Branca Vianna: É inegável que a gente teve avanços desde 1981. Mas, durante o processo de pesquisa desse podcast, a gente viu que os números desde lá assustam muito mais do que tranquilizam.

Em 2019, quando a gente viajou para Minas Gerais, uma mulher era vítima de feminicídio a cada sete horas no Brasil.

Flora Thomson-DeVeaux: E, não, só para saber, por que vocês reviveram o movimento "Quem ama, não mata" no ano passado?

Branca Vianna: Aqui é a Flora Thomson-DeVeaux, pesquisadora do *Praia dos Ossos*, perguntando pra Mirian Chrystus.

Na resposta dela, Mirian lembrou o assassinato da advogada Tatiane Spitzner em 2018. Tatiane tinha 29 anos, e morreu depois de ser jogada do quarto andar pelo marido dela.

Mirian Chrystus: A mim, pessoalmente, uma das que mais me tocaram foi aquela advogada que você tem as imagens. Acho que aquelas imagens, mais uma vez a questão da mídia é importante. Aquelas imagens...

Branca Vianna: Explica quais são as imagens pros ouvintes.

Mirian Chrystus: Aquelas imagens dela no elevador, na garagem, na calçada, ela sendo agredida. Você vê uma pessoa que tá caminhando em direção à morte, você vê e como de fato, alguns minutos, depois ela foi empurrada da varanda, né. Então aquelas imagens, junto com outras informações, porque aí começou quase que uma escalada de terror, que era quase todos os dias. Você, como você tinha, você tem até hoje, tem dia que tem dois ou três feminicídios cometidos, um no Norte, outro no Sul, dois não sei aonde, entendeu. Aí é difícil dizer por que aquele momento é o momento que você fala assim: "Chega, eu tenho que fazer alguma coisa. Eu tenho que fazer alguma coisa." Aí, através do Facebook, com uma amiga minha, a Hélia Ventura, que é jornalista, ela falou: "Precisamos fazer alguma coisa." Acho que foi ela que falou: "Quem sabe um 'quem ama não mata' de novo? É, é isso, a gente precisa de novo ressuscitar esse movimento, porque a questão infelizmente tá viva e pulsante." Se ela tivesse sido ultrapassada não haveria necessidade nenhuma, se tivesse sido um ponto fora da curva, não é um ponto fora da curva, a violência contra as mulheres, ela faz parte já do cotidiano, ela já está perigosamente sendo banalizada até. Então a gente não pode nunca se acostumar com isso, com a violência contra a mulher, a gente não pode perder a capacidade de se indignar, não só com isso.

Branca Vianna: Essa questão tá longe ter sido ultrapassada. E a gente não pode perder a capacidade de se indignar. Foi nesse sentimento ambíguo, de avanço e retrocesso, que eu me deparei com uma entrevista da Ângela na revista *Nova Cosmopolitan* de janeiro de '74.

Perguntaram pra ela sobre o “women’s lib”, que é women’s liberation, um termo antigo pro movimento feminista. E ela disse assim:

“Acho essa história de Women’s Lib uma besteira, feita por mulheres frustradas social e sexualmente. A liberdade bem aproveitada é a coisa mais maravilhosa do mundo, mas não me venham com rótulos. Ninguém pode obrigar ninguém a nada, nem a ser fiel. As coisas não podem ser impostas, têm que ser doadas – viver e deixar viver.”

Live and let live. É um verso de uma música do Paul McCartney que teve mil regravações, talvez você conheça. Só que o refrão é “Live and let die”. “Viva e deixe morrer.”

É interessante ler essa declaração da Ângela. O movimento que defende ela, que luta pela memória dela, foi rejeitado por ela mesma em vida.

A gente pode argumentar que a Ângela não viveu o bastante pra ser contagiada por esse movimento que ganhou muita força nos anos seguintes à morte dela. Mas tem muita mulher que ainda pensa assim hoje em dia.

Não são só as feministas que morrem de feminicídio. Mas o feminismo é a luta pelos direitos de todas as mulheres, mesmo aquelas que são contra o movimento. As mulheres continuam sendo mortas porque são mulheres.

Mas e agora? O que é que a gente pode fazer? É o que a gente vai tentar responder no próximo e último episódio do *Praia dos Ossos*.

Praia dos Ossos é uma produção original da Rádio Novelo. Pra quem quiser ver fotos daquele ato-missa em Minas, e a cobertura do segundo julgamento, tá tudo lá no nosso site.

Eu sou a Branca Vianna, idealizadora e apresentadora desse podcast.

Flora Thomson-DeVeaux jura que não foi ela que pichou aquela parede com “se se ama, não se mata”. A montagem é da Laís Lifschitz. A direção criativa é da Paula Scarpin, que assina o roteiro com a Flora, e com o Aurélio Aragão e o Rafael Spínola, da Segundo Andar.

A coordenação digital é da Kellen Moraes. Nosso diretor executivo é o Guilherme Alpendre. A produção é da Claudia Nogarotto.

A captação pra esse episódio é do Caio Barreto, Tales Manfrinato, e Rodrigo Pereira. Também gravamos algumas conversas no Estúdio Natrilha, em Belo Horizonte, e no Estúdio Rastro, no Rio. Pesquisa audiovisual de Antonio Venancio.

Áudio de arquivo do Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte, e da Rádio Nacional. A identidade sonora do *Praia dos Ossos* foi composta pelo Pedro Leal David. Música adicional da Mari Romano e da Blue Dot. A finalização e mixagem são obra do João Jabace.

Nossa identidade visual é da Elisa Pessôa, nossos vídeos são da Marina Quintanilha, e o nosso site é da Café. A Isabela Moreira é a editora das nossas redes sociais, que tem peças produzidas também pelo Mateus Coutinho. A Ana Beatriz Ribeiro e a Juliana Jaeger completam o time digital. Luciele Almeida faz a gestão de campanha de mídia. A checagem foi do Érico Melo e da Luiza Miguez.

Para esse episódio, agradecemos a ajuda de Hildete Pereira de Melo, Otilie Pinheiro, Rita Andreia, Celina Albano, Mirian Chrystus, Elizabeth Fleury, Mary Del Priore, Paulo Roberto Pereira, Fernando Fragoso, Mariza Sidaco, a equipe do Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte, da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, e do jornal *Estado de Minas*.

Obrigada e até a semana que vem.